

Esportes de praia (beach sports) e a sensação de não pertencimento

Everton Arruda Irias

A realidade de trabalho de um(a) professor(a) da rede municipal de Guarulhos é um tanto quanto peculiar. Além da pouca duração de cada aula (cinquenta minutos, uma vez na semana), a ausência de uma escola sede faz com que todos os anos tenhamos que passar por um processo de atribuição e, desta forma, são pouquíssimos os casos de professores e professoras que conseguem permanecer na mesma unidade por dois ou mais anos seguidos. Estabelecer um vínculo com as crianças, com a gestão e com a comunidade é algo que pode levar bastante tempo e que, na cidade em questão, é bem raro acontecer.

Nas diversas escolas por onde passei é muito comum, nas conversas iniciais com as turmas, escutá-las falar que nos anos anteriores brincavam em todas as aulas de Educação Física. Em muitos casos também, os(as) estudantes citam práticas corporais que fazem parte dos Jogos Escolares Municipais, conhecidos como JEM. Já fui questionado várias vezes pelas crianças sobre a participação nesse evento, já que “no ano passado o(a) professor(a) nos levou” e, quando não, fui indagado sobre a preparação de um interclasses pois “o(a) professor(a) do ano anterior organizou este torneio na escola”. A intenção não é culpabilizar as crianças ou reforçar estereótipos atribuídos aos(às) discentes em épocas recentes, mas ressaltar que nessas condições torna-se mais trabalhoso o convencimento do(a)s estudantes da necessidade de estender o estudo de um determinado tema para além das costumeiras poucas aulas.

Em tal cenário, no ano de 2023 iniciei na Escola da Prefeitura de Guarulhos Manoel de Paiva com os(as) estudantes de 4º e 5º Anos, um estudo sobre o vôlei de praia. A escola está situada no bairro da Vila Galvão, bairro este conhecido na cidade por abrigar pessoas de grande poder aquisitivo, com casas de alto padrão, comércio com preços mais altos. Parte dos estudantes são oriundos de famílias com renda estável, de classe média alta. Há filhos e filhas de funcionários públicos. Há, também, crianças que habitam uma comunidade atrás do zoológico municipal, onde boa parte das famílias é de baixa renda. A escola está situada bem próxima à Avenida Vinte Metros. Em uma das pontas situa-se o Lago dos Patos (área pública que possui uma pista de corrida e caminhada, pedalinho, etc.) e observamos casas maiores, bares e restaurantes onde determinados corpos circulam. Na outra ponta o cenário se altera, e visualizamos casas menores, poucos bares e restaurantes, e adentrando às ruas que se ligam a essa ponta da avenida, chegamos ao zoológico municipal, e à comunidade instalada no seu entorno.

Um dos estabelecimentos próximos à escola é a Praia do Lago. Trata-se de um espaço com duas quadras de areia e redes já dispostas. As pessoas alugam para praticar vôlei de praia, beach tennis, futevôlei e ginástica funcional. O espaço também conta com parede de escalada, brinquedos infantis, estúdio de pilates e um bar/restaurante. Em conversa com os(as) estudantes, alguns disseram já ter passado em frente, mas conheciam o estabelecimento, realmente, pelos sambas que tocavam aos sábados à tarde, e pelo som que também rolava ao vivo à noite, durante a semana. Alguns e algumas nem sabiam que atrás daquele bar existem quadras de areia.

Considerando, a princípio, apenas as experiências relatadas pelas crianças e as práticas que diziam acessar nos diferentes espaços, iniciamos a tematização do vôlei de praia. Analisamos trechos dos vídeos *Só fera em quadra de vôlei de praia em Sinop novembro de 2017 – Maia e Katiane x Ivan e Inara* e *4x4 de areia misto disputa terceiro lugar, JK vôlei*. No momento de diálogo pensamos, coletivamente, em como realizar esse esporte na escola, tendo em vista as condições disponíveis. Decidimos organizar o espaço em duas quadras, para que quatro quartetos jogassem simultaneamente. Como a escola só possuía um kit de rede de mini vôlei, estendi uma corda amarrada uma ponta na trave de um dos gols e a outra ponta do poste deste mesmo kit, para que tivéssemos mais um espaço de jogo. Além disso, as crianças disseram que era necessário ter alguém para marcar os pontos. Esta primeira experimentação, bastante breve por sinal, gerou comentários e dúvidas no(a)s estudantes: “o saque tem que ser direto”; “como saca?”; “o saque tem que ser na linha”. Percebi que as crianças não se importavam com as linhas que delimitavam o espaço de jogo. Numa das turmas, o maior conflito foi a posição de cada jogador(a).



Todos esses aspectos foram anotados e abordados numa “roda conversa” em aula posterior, considerando a participação remota e presencial dos estudantes. Eles(as) próprios(as) explicaram e demonstraram o saque. Preparei e fiz uma apresentação em slides com algumas regras vigentes nas diferentes categorias do vôlei de praia. Além das regras escritas, inseri uma

imagem das linhas que compõem a quadra de vôlei de praia, uniformes e adereços utilizados pelos(as) jogadores(as). Conversamos mais detidamente sobre a finalidade das demarcações da quadra. Algumas crianças se manifestaram dizendo que tinham medo de jogar e errar, tendo em vista que nunca haviam praticado o esporte antes. Perguntei às turmas se, primeiramente, seria interessante experimentarmos as técnicas da modalidade para observarmos se o medo diminuía. Recebi acenos positivos.

Nas aulas seguintes, os(as) estudantes demonstraram, à sua própria maneira, os gestos que observamos nos vídeos das partidas do vôlei de praia: toque, manchete, saque, ataque, bloqueio. Localizamos imagens que, de alguma maneira, representavam estas técnicas. A atividade consistiu em fazer experimentos em grupos, ocasião em que as crianças foram estimuladas a comparar a gestualidade do colega com a imagem correspondente e sugerir ajustes quando necessário.

Passado este momento, reorganizamos a estrutura do nosso jogo de vôlei de praia, e as crianças voltaram a realizá-lo em quartetos. Na maioria dos casos, as próprias crianças se agrupavam sem dificuldades, em outras situações eu mesmo orientava a distribuição dos(as) participantes.

Propus aos(as) estudantes que, agrupado(a)s, realizassem uma pesquisa a respeito do vôlei de praia baseada nos seguintes tópicos: surgimento; chegada ao Brasil; modificações nas regras e/ou nos equipamentos, vestimentas e materiais e a história de um(a) jogador(a). A pesquisa iniciou-se em sala de aula, utilizando os notebooks da escola e continuou na residência de cada estudante.

Foram poucos os grupos que concluíram a tarefa. Mesmo assim, aqueles(as) que conseguiram levantar as informações solicitadas, socializaram-nas com a turma. Busquei as mesmas informações por conta própria e utilizando muitas imagens, compartilhei um pouco do que encontrei. Segundo consta, a modalidade surgiu enquanto prática de lazer de determinados grupos sociais, na praia de Santa Mônica, nos Estados Unidos; houve a diminuição gradativa no número de jogadores, chegando ao jogo em duplas; a chegada ao Brasil na década de 1930, sendo sua prática vinculada a estudantes universitários e frequentadores de clubes militares próximos às praias do Rio de Janeiro; a disseminação dessa prática corporal pelo país, principalmente na região litorânea e mais recentemente a interiorização; mudanças nas regras envolvendo a troca de lados de disputa, pedidos de tempo, as dimensões da quadra e as cores da bola. Expus um breve histórico da jogadora Ana Patrícia, uma das poucas atletas negras do circuito brasileiro e, por fim, observamos imagens mostrando alguns dos vestuários utilizados por jogadores e jogadoras ao longo do tempo. Na medida em que a apresentação caminhava,

os(as) estudantes confrontavam as informações com os resultados das próprias pesquisas. Um dos alunos, por exemplo, relatou a história do jogador Alisson.

Na aula seguinte, jogamos em duplas, a fim de compararmos com o formato em quarteto com o qual nos habituáramos. Definimos jogos com pontuações menores, a fim de termos mais rotatividade e maior participação. Ao final, as crianças comentaram sobre as percepções e sensações geradas pela experiência.

Neste interim, entrei em contato, via WhatsApp, com a equipe de comunicação da Praia do Lago, a fim de viabilizar uma visita dos estudantes ao espaço. Fui muito bem atendido e convidado para uma conversa pessoal, a fim de explicar melhor a proposta. Uma das proprietárias abriu as portas do estabelecimento para a escola, solicitando apenas que a visita fosse realizada num dos dias da semana indicados por ela, pois se tratava de períodos em que as quadras estavam disponíveis. Ela disse inclusive que tentaria conversar com um dos professores de futevôlei para participar conosco da experiência. Explicou que no período da tarde não conseguiríamos encontrar praticantes de vôlei de praia, pois a prática acontecia à noite.

Como a Praia do Lago nos oferecia a possibilidade de realizar outros esportes em condições ideais, ampliamos a tematização para beach sports (nomenclatura que abrange toda a gama de esportes praticados nas arenas de areia).

Sendo assim, numa das aulas, analisamos diferentes imagens mostrando ocorrências do futevôlei e do beach tennis. Um dos alunos do 5º ano afirmou já ter ido uma vez à Praia do Lago com seu tio para jogar futevôlei. As crianças socializaram alguns dos conhecimentos que possuíam acerca desses esportes e, coletivamente, também pensamos na organização do nosso espaço para realizá-los na escola. Desta vez, o ambiente foi dividido em três quadras pequenas, uma delas com rede, e as outras duas com cordas esticadas. Em cada espaço seria realizado um dos esportes. Também definimos que o(a)s aluno(a)s poderiam transitar de uma quadra para a outra livremente, apenas aguardando sua vez de jogar. Devido à quantidade de materiais, o beach tennis seria praticado em duplas (com raquetes de frescobol e uma bolinha de borracha que peguei de empréstimo em outra escola em que trabalho); o futevôlei e o vôlei de praia poderiam ser em duplas, trios ou quartetos.

As experimentações deram vazão às dificuldades: segundo as crianças, a bolinha do beach tennis era muito pesada e, conseqüentemente, muito rápida, por isso, muitas não conseguiam rebater; o(a)s estudantes também não conseguiam rebater a bola no futevôlei e no vôlei de praia. Tomamos algumas decisões de forma coletiva: a bolinha de beach tennis teria que ser outra, por sugestão das crianças adotamos uma daquelas bolinhas que ficam nas piscinas

de bolinha trazida por um menino; e nos outros dois esportes a bola poderia quicar no chão antes de ser rebatida.

Ao longo das aulas, assistimos a vídeos das técnicas do beach tennis e do futevôlei, além dos possíveis formatos da ocorrência dessas práticas corporais. As crianças ficavam livres para experimentar e incorporar, ou não, as gestualidades às suas execuções.

Preparei e apresentei slides contendo três títulos de reportagens que apontavam para o aumento do número de beach arenas (em áreas urbanas) pelo Brasil. Solicitei aos estudantes que refletissem em grupos sobre esta situação, a partir de algumas questões orientadoras. Após este momento de diálogo em grupos, sentamo-nos em roda para compartilhar as impressões e conclusões. Conversamos sobre a relação da pandemia de Covid-19 com o aumento do número de beach arenas; também dialogamos sobre as mudanças constantes nesses equipamentos a fim de torná-los um ambiente não somente de prática de esportes, mas também de lazer com potencial para atrair vários públicos. Durante conversa, foi curioso constatar que a maioria das crianças desconhecia a Praia do Lago, mesmo distando somente 500 m da escola. Indaguei as turmas sobre a situação e tentei provocar com outras perguntas: as crianças da escola frequentavam o Lago dos Patos e o seu entorno? Conheciam os atrativos da região? Algumas respostas foram positivas, mas outras disseram não ter o costume de atravessar a Avenida Vinte Metros em direção ao lago. Naquele momento, fiquei com a impressão de que mesmo estudando numa escola situada naquele território, algumas crianças pareciam não se sentir pertencentes àquele bairro, ou melhor, não se sentiam à vontade para usufruir daquilo que a região tinha a oferecer. Alguns obstáculos invisíveis tornaram-se mais evidentes.

Na mesma atividade sugeri que cada grupo elaborasse duas perguntas que gostariam de fazer a um(a) praticante de alguma das modalidades estudadas. Em conversa com o professor de Educação Física do período da manhã, Rodrigo, ele me disse ter praticado futevôlei por um tempo, ali mesmo na Praia do Lago, e se propôs a contribuir respondendo as questões, e disse que podia enviá-las a outro colega que também praticava. Entrei em contato com alguns amigos e amigas que jogam vôlei de praia e beach tennis e encaminhei-lhes as mesmas perguntas, e todo(a)s ele(a)s fizeram o mesmo. Como resultado, em uma semana, tínhamos seis entrevistas com praticantes dessas modalidades, respondidas por textos ou áudios, que foram socializadas com cada turma. Quando questionado(a)s, alguns e algumas estudantes disseram ter chamado a atenção o fato de uma das jogadoras de beach tennis praticar o esporte por razões de saúde mental.



JÉSSICA – PRATICANTE DE BEACH TENNIS

1) Qual a altura da rede que vocês praticam?

1,70

2) Quanto tempo demorou para você aprender a jogar?

Ainda estou aprendendo. Jogo por lazer desde setembro/2022. Ainda falta muito para poder dizer que sei de fato jogar!

3) Você acha que jogar beach tennis é difícil?

Existe muitas técnicas e jogadas complexas, são somente dois jogadores de cada lado o que dificulta para pegar a bolinha na quadra

4) O que você sente ao jogar beach tennis?

Liberdade e adrenalina

5) Você já jogou em várias arenas? Qual foi a melhor arena que você jogou?

Joguei e jogo somente na arena maré beach no Macedo Guarulhos. Amo lá!

6) Existem times no beach tennis? Qual o melhor, na sua opinião?

Não que eu saiba. Somente dois jogadores de cada lado.

7) Por qual motivo começou a praticar este esporte?

Saúde mental

8) Quais dificuldades você sente para jogar?

Acertar a bola!

9) Há quanto tempo você pratica?

9 meses

10) Qual são suas melhores técnicas?

O smash! É o golpe de conclusão, que deve ser efetuado quando a bola chega alta e sem peso.

11) Você já participou de algum campeonato? Como foi?

Nunca participei somente assisto na quadra em que faço aulas. É muito gostoso de ver os profissionais jogando, o barulho das batidas da bola é bem alto!

Devido às diversas atividades e avaliações externas que ocorreram na escola em simultâneo à tematização dos beach sports, conseguimos agendar nossa visita à Praia do Lago somente no final do semestre, mais especificamente na última aula de Educação Física. Convidei o colega da manhã para nos acompanhar e auxiliar os(as) estudantes na prática do futevôlei. Além dele, nos acompanharam também a coordenadora pedagógica, e as professoras de cada turma. Levamos algumas bolas e raquetes da escola e fomos caminhando pela ciclofaixa da Avenida Vinte Metros. Chegando à Praia do Lago fomos muito bem recebidos. A proprietária nos forneceu todos os equipamentos necessários, não sendo preciso utilizar os materiais que levamos. Seria a primeira oportunidade minha e das crianças de utilizarmos raquetes e bolinhas do beach tennis. Aliás, numa das aulas anteriores, havíamos pesquisado que as raquetes poderiam custar entre R\$ 100,00 e R\$ 400,00.



Como eram duas quadras, resolvemos iniciar pelo beach tennis e pelo futevôlei, a fim de aproveitarmos a presença do professor Rodrigo que teria que ir embora mais cedo. Como dispúnhamos de oito raquetes, as crianças foram divididas em quartetos, já considerando a extensão da quadra que assustou a turma. Em determinado momento, resolvemos diminuir o tamanho da quadra riscando a areia com os pés. Já no futevôlei, o Rodrigo explicou para os(as) estudantes como fazer o montinho de areia para sacar. Todavia percebendo a dificuldade em rebater o saque, combinamos que poderiam segurar a bola com as mãos antes de rebater.



Após a saída do professor Rodrigo, iniciamos o vôlei de praia, com grupos formados por seis estudantes, a fim de maximizarmos a participação das crianças, e para esta decisão consideramos novamente o tamanho do espaço que, diferente daquilo que pensávamos, era bastante grande.

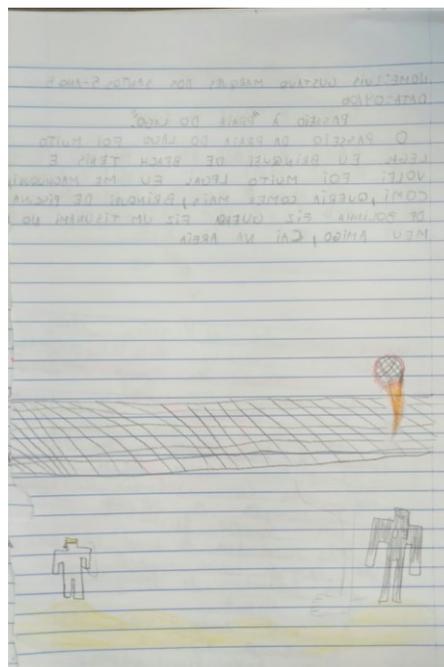
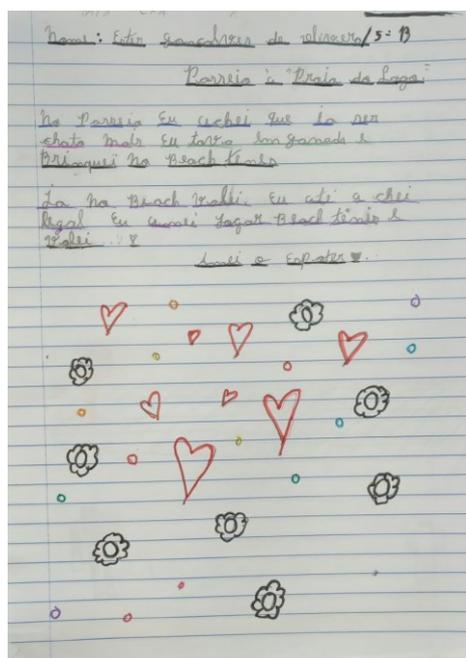
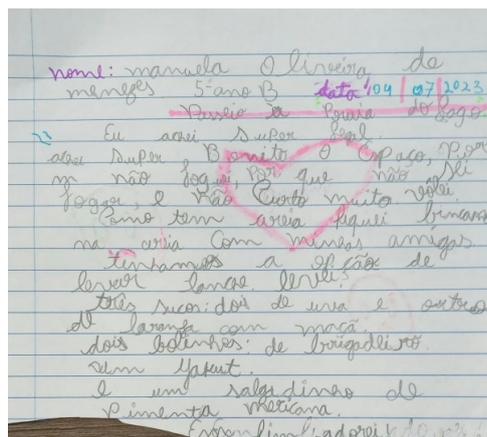
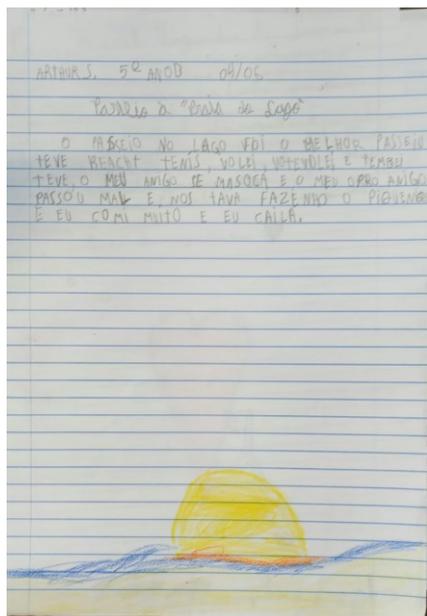
Algumas crianças não jogaram nenhuma vez, apenas observaram ou ficaram brincando na areia. Toda vez que necessitavam sair das quadras de areia, precisavam limpar os pés com uma escova cedida pela proprietária do local. Não era permitido entrar com tênis na areia.



Após cerca de uma hora e meia dentro das quadras, finalizamos nossas experimentações. As crianças sentaram-se em algumas mesas, e compartilharam os lanches que haviam levado por sugestão da coordenadora pedagógica. Na sequência, retornamos à escola. Mesmo

envolvido nas atividades, consegui registrar algumas falas de estudantes: “é muito difícil correr na areia para pegar a bolinha”; “foi muito bom professor”; “eu já tinha jogado futevôlei uma vez aqui com meu tio”; “este foi o melhor dia de todos”; “minha mãe e eu fazemos caminhada aqui, já tinha visto este espaço outra vez, minha mãe até quis entrar, mas depois desistiu”.

Para além das anotações que consegui fazer em meio aos acontecimentos, solicitei às professoras de cada turma que reunissem as impressões e sensações das crianças com relação à atividade.



Mesmo sabendo que só veria as turmas após um mês, acreditava que não poderia encerrar a tematização sem discutir algumas das impressões anunciadas. Incomodava-me o desconhecimento de parte considerável das crianças da existência da Praia do Lago, mesmo sendo tão próxima da escola. O que fez com que a mãe do aluno desistisse de entrar naquele local? Quais eram as barreiras que impediam certos estudantes de acessar estes e outros espaços próximos ao Lago dos Patos? Acreditava ser importante levar as turmas a pensarem sobre o assunto.

As questões foram apresentadas de forma direta: por que muitos(as) não acessavam os espaços próximos à escola? O que os(as) impedia? Algumas crianças disseram que a distância era um impeditivo, já que não moravam tão perto dali. Outras não souberam explicar. Compartilhei uma informação coletada numa conversa que tive com professor Rodrigo: ele me disse que, quando praticava futevôlei, dividia um valor trimestral de R\$1800,00 com cerca de 15 amigos. Fazendo uma conta rápida com as crianças, percebemos que mensalmente, cada um pagava cerca de R\$30. Novamente questionei as turmas se esse era um valor muito alto a ponto de impedir que pudessem usufruir daquele espaço. A principal conclusão que chegamos é de que, na verdade, aquelas práticas corporais não faziam parte do cotidiano dos(as) estudantes e, por diferentes motivos não aprofundados naquele momento, não se interessavam por praticá-las. Alguns meninos chegaram a dizer que no CEU Rosa de França (Centro Educacional Unificado próximo à escola e ao bairro onde muitos/as moravam) havia uma quadra pública de areia, mas que eles tampouco costumavam utilizá-la.

Finalizando a conversa, dei alguns depoimentos acerca de como também não me sentia à vontade quando adentrava os ambientes onde circulavam pessoas da classe social mais alta, mesmo sabendo que eram públicos e acessíveis a qualquer pessoa. O aluno que havia falado sobre as caminhadas com a sua mãe, também afirmou que “não se sentiria bem se estudasse numa escola particular”. Outros(as) estudantes disseram que não deveríamos nos preocupar com a forma que as pessoas nos olham, que “nós não deveríamos estar nem aí para elas”.